

MEMÓRIAS DE IMPERADORES VIVOS, ORAÇÕES FÚNEBRES E PRECES EM SUFRÁGIO PARA OS PRÍNCIPES FALECIDOS: AMBRÓSIO DE MILÃO E SUAS INOVAÇÕES¹

Rita Lizzi Testa²

Resumo

As orações fúnebres para Valentiniano II e Teodósio I, assim como duas cartas que o bispo Ambrósio enviou a Teodósio I, logo após receber dele a notícia da vitória no rio Frígido, mostram que o bispo falava dos imperadores e aos imperadores sem esquecer seu nascimento e posição senatoriais no novo papel episcopal. A partir do momento em que conheceu os principais motivos pelos quais os senadores suscitaram oposição à política teodosiana (vitória em uma guerra civil, falso triunfo e elevação dos príncipes ao trono ainda crianças), ele conseguiu transformá-los em outras tantas razões de apoio a Teodósio e sua dinastia. Ele o fez utilizando o tema clássico da vitória em decorrência da intervenção divina, que transformou cristianamente no da vitória incruenta, garantida pela *pietas* imperial. Depois da Batalha do Frígido, a ideia de que os usurpadores eram ímpios, independentemente da religião professada, pelo simples fato de se oporem ao *pius imperator*, tornou-se um corolário essencial do tema da vitória incruenta. O bispo legitimou o poder dos *principes pueri* invocando a *pietas*, e valorizou a *clementia* em relação aos oponentes ao transformar uma virtude política tradicional em tipicamente cristã. A adesão de Ambrósio à política de Valentiniano I e Teodósio produziu algumas inovações: durante a oferta de sacrifício, ele inseriu os membros de duas *domus augustae* entre os nomes dos mortos a serem homenageados; além disso, no decorrer da celebração eucarística, ofereceu a carta imperial, que anunciava a vitória, no altar. Teodósio, assegurando a sua *indulgentia* não só aos que estiveram do lado de Eugênio, mas também aos que se refugiaram na igreja de Milão e foram protegidos pelo bispo, fez uma importante concessão em termos de asilo eclesiástico. Vários testemunhos, contudo, mostram que o direito de asilo nas igrejas só foi confirmado por lei após alguns anos.

Palavras-chave

Laudações Fúnebres; Ambrósio de Milão; Imperador Valentiniano I; Imperador Teodósio I.

¹ Traduzido por Augusto Antônio de Assis, mestrando em História pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. E-mail: augustoassis2q3d@gmail.com.

² Professora Doutora – Università degli Studi di Perugia, Perugia, Itália. E-mail: rita.lizzi@unipg.it.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 288-312

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13937

Sunto

Le orazioni funerarie per Valentiniano II e Teodosio I, così come due lettere che il vescovo Ambrogio mandò a Teodosio I, subito dopo aver ricevuto da lui la notizia della vittoria al fiume Frigidus, mostrano che il vescovo parlò degli imperatori e agli imperatori senza dimenticare la sua nascita e il suo rango senatorio nel nuovo ruolo vescovile. Dal momento che egli conosceva i principali motivi, che utilizzavano i senatori per suscitare l'opposizione alla politica teodosiana (vittoria in una guerra civile, falso trionfo, principi elevati al trono da fanciulli), egli fu abile a cambiarli in altrettanti motivi di sostegno per Teodosio e la sua dinastia. Lo fece utilizzando il tema classico della vittoria dovuta all'intervento divino, che egli trasformò cristianamente in quello della vittoria incruenta garantita dalla pietas imperiale. Dopo il Frigido, l'idea che gli usurpatori erano empìi, indipendentemente dalla religione professata, per il semplice fatto di essersi opposti al pius imperator, divenne un corollario essenziale del tema della vittoria incruenta. Il vescovo legittimò il potere dei principes pueri invocando la loro pietas, e valorizzò la clementia verso gli oppositori trasformando in virtù tipicamente cristiana una tradizionale virtù politica. L'adesione di Ambrogio alla politica di Valentiniano I e di Teodosio produsse alcune innovazioni: egli inserì i membri di due domus augustae tra i nomi dei defunti da ricordare durante l'offerta sacrificale offrì sull'altare la lettera imperiale, che annunciava la vittoria, durante la celebrazione eucaristica. Teodosio, assicurando la sua indulgentia non solo a coloro che avevano parteggiato per Eugenio ma pure a quanti si erano rifugiati nella chiesa di Milano ed erano protetti dal vescovo, fece un'importante concessione in tema di asilo ecclesiastico. Varie testimonianze, però mostrano che il diritto all'asilo nelle chiese ebbe conferma legislativa solo dopo alcuni anni.

Parole chiave

Encomi funebri; Ambrogio di Milano; Imperatore Valentiniano I; Imperatore Teodosio I.

Em 374, o governador de uma província da península itálica, que se estendia da região norte de Florença até o Lago Maior e Como, foi aclamado bispo de *Mediolanum* (Milão), então uma das mais importantes residências do império tardo-antigo.³ A eleição de Ambrósio foi um evento excepcional, nem tanto pela escolha de um oficial imperial enquanto bispo, mas porque um homem proveniente da aristocracia senatorial de Roma, não das *élites* provinciais, assumiu essa função. Ele foi, portanto, o primeiro bispo aristocrático na história da Igreja e do Império.⁴ Durante seu bispado, Ambrósio manteve a cultura, os costumes e o comportamento dos grandes senadores da Antiguidade tardia e os transmitiu não apenas aos padres do norte da Itália, mas também àqueles que o tomaram como modelo nos séculos seguintes.

Quase nenhuma ação do bispo de Milão pode ser totalmente compreendida negligenciando o peso exercido pela proveniência social, a sensibilidade política adquirida durante sua carreira pública, bem como a grande autoridade que o posto de *vir clarissimus* lhe conferiu mesmo na nova função episcopal.⁵ No tocante, sobretudo, às questões relacionadas com a figura do príncipe, a sua pastoral também foi condicionada, em grande medida, por estes fatores, ficando a cargo do bispo, naturalmente, escolher quais passagens e figuras da Sagrada Escritura utilizar e comentar ao dirigir-se à alta cúpula do Império Romano⁶. Enquanto exemplares da complexa personalidade deste excepcional bispo, pretendemos, portanto, examinar as inovações litúrgicas e literárias introduzidas em relação a alguns dos imperadores romanos com quem se confrontou ao longo de seu episcopado.

³ Paul. Med. VA 6.1-2. Sobre Milão enquanto capital imperial, ver Sena Chiesa, 2012: 18-28.

⁴ Brown, 2012: 122. Ambrósio não pertencia à aristocracia mais antiga e tradicional de Roma: sobre a possível identificação do pai de Ambrósio com Urânio, prefeito do pretório dos gauleses, recebido em 339, *CTh* XI.1.5, vd. Mazzarino, 1989: 11; 75; cf. Lizzi Testa, 2017: 34-42.

⁵ 3 Paul. Med. VA 5.1: *Sed postquam edoctus liberalibus disciplinis ex urbe egressus est professusque in auditorio praefecturae praetorii, ita splendide causas perorabat ut eligeretur a viro illustri Probo, tunc praefecto praetorio, ad consilium tribuendum, post quod consularitatis suscepit insignia ut regeret Liguriam Aemiliamque provincias*. Nascido em Tréveris (Trier na Alemanha), educado em Roma, Ambrósio foi chamado para Sirmio (perto da atual Belgrado) primeiro como *advocatus* na audiência de Sexto Cláudio Petrônio Probo, PPO para *Illyricum Italiam et Africam*, depois como membro de seu conselho (assessor); depois foi enviado para governar a província da Ligúria e da Emília: cf. Plre I, s. v. Ambrosius 3: 52.

⁶ Nesse sentido, não há dicotomia entre os pensamentos teológico e político do bispo. Com uma abordagem diferente, veja Moretti, no prelo.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 288-312

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13937

Prece pelos príncipes falecidos

A leitura dos nomes dos falecidos durante a missa, recomendada por Cipriano especialmente em referência aos que morreram pela fé (Cypr. *Epp.* XII.2; I.2), era uma prática difundida durante o século IV, na convicção de que a prece beneficiava as almas (Cyr. *Cath. myst.* V.8). A isso alude Agostinho, lembrando que, além dos nomes dos mártires, também os das virgens falecidas eram recitados no altar (August. *Virg.*46), além de fazer votos para que os leitores das *Confessiones* mencionassem os nomes de sua mãe e de seu pai durante a missa (August. *Conf.* IX.37). Em nenhum autor, porém, há referências a possíveis preces em sufrágio de príncipes falecidos.

Ambrósio, portanto, foi o primeiro a mencionar os nomes de alguns imperadores durante a missa. Pronunciando a oração fúnebre para Valentiniano II, durante uma cerimônia solene em Milão, antes de 22 de agosto de 392,⁷ Ambrósio não só rezou pelo jovem recém-falecido, mas por todos os membros falecidos da *domus* imperial. Graciano foi introduzido primeiro no funeral, representado com os braços voltados para Deus, enquanto homem de oração, e depois apertados em torno de seu irmão, a fim de que o mesmo não fosse retirado dele novamente (*De obitu Valent.* 54). É ainda Graciano, em seguida, quem convida o jovem a segui-lo ao paraíso, recitando as palavras do Cântico dos Cânticos (*De obitu Valent.* 72). Ao lado dele, Valentiniano I, seu pai, também é brevemente descrito ao acolher o filho no céu, em uma espécie de verdadeiro *concilium principum* (*De obitu Valent.* 55 e 71). A Graciano e Valentiniano II, citando os versos que Virgílio havia dedicado a Euríalo e Niso no nono livro da Eneida, o bispo também promete não apenas que se lembrará deles em sua oração, mas que os sentirá próximos “ogni volta che offrirò il sacrificio”.⁸ Esta última frase, em particular, sugere que, durante a celebração eucarística, Ambrósio reservou uma parte da lista dos falecidos a serem homenageados na missa para a *domus divina* de Valentiniano I. A vasta série de questões retóricas, que segue sua promessa de ser mediador junto a Deus em favor dos dois imperadores falecidos (*De obitu Valent.* 78), é um indício de que tal prática litúrgica não era nada usual. Esta foi, com efeito,

⁷ Em 22 de agosto de 392, Arbogasto proclamou Eugênio imperador do Ocidente. Como Ambrósio não menciona este evento no *de obitu Valentiniani*, a cerimônia fúnebre do jovem príncipe ocorreu algum tempo antes, dois meses após sua morte (Ambr. *de obitu Valent.* 49). Sobre as orações fúnebres, ver Banterle, 1985: 14-17; Mclynn, 1994: 338-341; Liebeschuetz; Hill, 2005: 358-363.

⁸ Ambr. *De obitu Valent.* 78: *Beati ambo, si quid meae orationes valebunt, nulla dies vos silentio praeteribit ricorda palesemente Fortunati ambo, si quid mea carmina possunt / nulla dies unquam memori vos eximet aevo* (Verg. *Aen.* IX. 446-447).

uma inovação ambrosiana, pelo menos na forma pública a que se refere o *de obitu Valentiniani*.

Ademais, ela pode ter sido antecipada em homenagem a Graciano, dada a importância que este príncipe tem na oração. Nada se sabe sobre o destino do corpo do infeliz jovem, morto em 25 de agosto de 383 em uma emboscada em Lyon, mas é certo que o objetivo principal da segunda embaixada de Ambrósio a Máximo foi a entrega do corpo do príncipe (Ambr. *Ep.* 30. 9-10), até então mantido em Tréveris (Trier) por seu valor diplomático.⁹ No final da entrevista, Magno Máximo não se pronunciou sobre o pedido feito pelo bispo (*Ep.* 30.11)¹⁰, mas é provável que, para pressionar Teodósio a reconhecê-lo como imperador legítimo, ele também tenha decidido devolver o corpo de Graciano.¹¹ Neste caso, o bispo pode ter feito uma rápida comemoração de forma privada, colocando seu nome na lista dos mortos por quem orar. As numerosas referências a Graciano que aparecem no *de obitu Valentiniani* podem derivar dessa oração fúnebre. Em duas obras contemporâneas, ele descreve Graciano como miseravelmente abandonado por todos e sozinho, tendo pena dele na qualidade de símbolo da inocência traída, como Cristo.¹² Além disso, uma passagem do *de obitu Valentiniani* sugere que o sarcófago de pórfiro em que Valentiniano II foi colocado estava próximo ao de Graciano e que Ambrósio recitou sua comemoração fúnebre na frente de ambos:

Oh! a me carissimi e degni di ammirazione, Graziano e Valentiniano, con quale angusto termine avete concluso la vostra vita, quanto furono prossimi per voi i

⁹ Da segunda embaixada temos notícias em Ambr. *Ep.* 30 (24M.), sobre a carta-relatório que Ambrósio enviou a Valentiniano II: Matthews, 1975 (1990): 180; Liebeschuetz; Hill, 2005: 349-357. Para uma datação da segunda embaixada em um período entre o verão de 384 e o inverno de 385, ver Lizzi Testa, 2019: 42-44.

¹⁰ A assembleia consistoriana, para a qual Ambrósio foi convidado, na verdade, não era a instância em que o Augusto costumava tomar decisões: Porena, 2018: 108.

¹¹ Durante 385 (Zos. IV.37, 1-3. Pacat. *Pan.* 30.1-2; Rufin. *HE* II.15; Socr. *HE* V.10; Sozom. *HE* VII.13.11; *Chron. Gall.* a. CCCCLII, a. 384) Magno Máximo foi integrado no colégio imperial, a sua imagem apareceu na cunhagem oriental e o seu nome nos títulos dos documentos, como atestam Zósimo e outras fontes independentes. O momento em que o acordo foi assinado é derivado dos eventos contemporâneos que Zósimo menciona, como a atividade antipagã de Cinégio no Egito e a vitória de Promoto sobre os Grutungos.

¹² Ambr. *Explan. Psalm.* 61.17; 24-25. Diz-se também de Valentiniano II que “riproduceva in sé l’immagine di Cristo” (*De obitu Valent.*58). Uma referência ao assassinato de Graciano por Máximo, que Teodósio conseguiu vingar, também parece estar presente em Ambr. *Apol. David* 6, 27.

limiti della morte, quanto vicini i sepolcri. Graziano e Valentiniano, ripeto, è bello indugiare sui vostri nomi ed è una gioia trovare riposo nel vostro ricordo.¹³

Não sabemos se as outras igrejas da Itália Anonária adotaram imediatamente o costume ambrosiano de celebrar os príncipes filhos de Valentiniano I entre os falecidos. Não sabemos se o sucessor de Dâmaso em Roma o seguiu. É incerto se o próprio Ambrósio manteve sua promessa a Valentiniano II de não o esquecer “ogniquialvolta offrirò il sacrificio”. Quando alguns anos depois, em 395, ele celebrou o funeral de Teodósio I, inclusive o nome de Valentiniano II foi silenciado. No *sanctorum consortia* ali evocado, junto a Graciano que estava novamente no centro da santa assembleia¹⁴, colocou Teodósio I e todos os membros da nova *domus Augusta* - seu pai Teodósio, o velho, sua esposa Flacila e seus filhos Graciano e Pulquéria - ao passo que para completar o quadro chamavam-se Constantino, que fizera do império um “legado de fé”, e sua mãe Helena¹⁵.

É muito provável que Ambrósio tenha sido o primeiro a incluir os nomes dos príncipes de duas *domus augustae* na liturgia eucarística, tentando mostrar que eles haviam sido elevados ao céu como príncipes bons e devotos, com alguma dificuldade em relação a Valentiniano II (dado o perfil religioso complexo do jovem), e maior facilidade para Graciano e Teodósio I. Por outro lado, foi explícita a condenação de Máximo e Eugênio, que no *de obitu Valentiniani* são lançados no inferno (Ambr. *De obitu Theod.* 39).

A doutrina da vitória incruenta, os falsos triunfos e os *principes pueri*

Outra importante inovação litúrgica, com efeito, foi realizada após a Batalha do Frígido. Pelo modo como Ambrósio a apresentou, ele teve que

¹³ Ambr. *De obitu Valent.* 79: *O mihi, Gratiane et Valentiniane, speciosi et carissimi, quam angusto vitam fine clausistis, quam proxima vobis mortis fuere confinia, quam sepulcra vicina! Gratiane inquam et Valentiniane, in vestris nominibus adhaerere iuvat, atque delectat in vestri commemoratione requiescere.*

¹⁴ Ambr. *De obitu Theod.* 39: *Manet ergo in lumine Theodosius et sanctorum coetibus gloriatur. Illic nunc complectitur Gratianum [...]; 51: inde reliqui principes Christiani – praeter unum Iulianum [...] – inde Gratianus et Theodosius; 52: ambulabunt plane ac maxime Gratianus et Theodosius prae ceteris principes.*

¹⁵ Ambr. *De obitu Theod.* 40: *Nunc sibi rex est quando recepit etiam filium Gratianum et Pulcheriam [...] quando ei Flaccilla adhaeret [...] quando patrem sibi redditum gratulatur, quando Constantino adhaeret [...] illa sanctae memoriae Helena.* A menção de Helena é uma ocasião para a conhecida digressão sobre a descoberta da verdadeira cruz, talvez o resultado de informações recentemente adquiridas pela comitiva da corte teodosiana: Mclynn, 1994: 359, n. 236; Alzati, 2014: 7-16.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 288-312

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13937

esclarecer qual ideia tinha dos usurpadores aos seus fiéis e ao imperador, bem como aos senadores de Roma, com quem o diálogo nunca foi interrompido. Ambrósio enviou duas cartas a Teodósio I, assim que o imperador anunciou a vitória alcançada no rio Frígido (hoje Vipava, afluente do Isonzo, na Eslovênia).¹⁶ Elas foram escritas pouco depois da derrota de Eugênio, Arbogasto e Nicômaco Flaviano, o velho (5-6 de setembro de 394).¹⁷ Central a ambas - ao lado da absoluta lealdade professada pelo bispo ao imperador -¹⁸ é a ideia de que Deus havia assegurado a vitória em virtude da *fides* e da *pietas* manifestada por Teodósio, “per liberare l’Impero romano dalla ferocia di un brigante barbaro e il trono da un indegno usurpatore”.¹⁹ A estabilidade do império e a integridade da fé do imperador estavam intrinsecamente associadas.

Esse conceito foi a base da teologia da vitória, com a qual o bispo contrastou sua formulação cristã original com o motivo tradicional das batalhas romanas devido ao auxílio divino (Demandt, 1996). Ele o fizera, ao dirigir ao imperador Graciano o *De Fide*, por volta de 380, em torno da ideia de que todo triunfo terreno era uma recompensa divina da *fides*, de modo que a vitória estava desvinculada da virtude militar humana.²⁰ Ambrósio retomou-o entre 382-383, desenvolvendo o tema do *otium negotiosum* mediado pela figura do Cipião ciceroniano²¹. Na carta aos

¹⁶ Ambr. *Epp. extra coll.* 2 e 3 (61M e 62M). A carta de Teodósio chegou a Ambrósio em Milão, local para onde o bispo disse que retornou no início de agosto de 394 (*Ep. extra coll.* 2.1).

¹⁷ Após a batalha, Eugênio foi executado (*Chron. Pasch.* s.a 394; *Cons. Const.* S. a. 392; Philost. *HE* XI.2; Socr. *HE* V.25.16; Soz. *HE* VII.24; Theod. *HE* V.24; Aur. Vict. 48.7; Oros. VII.35.13.19; Zos. IV.58.2-5; Joh. Ant. *fr.* 187; Zon. XIII.18). Nicômaco Flaviano e Arbogasto cometeram suicídio, este último depois de vagar pelas colinas por dois dias (Claud. *De III Cons. Hon.*102; *De IV Cons. Hon.*91, não menciona Flaviano, tentando salvar sua reputação).

¹⁸ Ambrósio ressalta, no início, que havia saído de Milão, no final do verão de 393, para evitar o encontro com Eugênio e se apressou a voltar logo que este saiu da cidade (*Ep. extra coll.* 2.1; cf. *Ep. extra coll.* 3.2; Paul Med. VA 27-29).

¹⁹ Ambr. *Ep. extra coll.* 2.1: *sed non ego ita imprudens aut virtutis aut meritorum tuorum, ut non praesumerem caeleste auxilium pietati tuae adfore*. Cf. *Ep. extra coll.* 3.4 (No qual a vitória de Teodósio é comparada com as relatadas por Moisés e Josué).

²⁰ Ambr. *De fide* I.3 e II.136. Paschoud, 1983: 204, n. 18, destacou como a atitude de Graciano, que perguntou ao bispo como o Deus de quem esperava proteção queria ser adorado, era tradicional. Zecchini, 1984, mostrou como o *topos* da vitória incruenta serviu para interpretar todos os eventos de guerra dos *Christiana tempora*. Devido a uma influência ambrosiana, ele também está presente em Sulpício Severo, Paulino de Nola, Orósio e Sócrates. A composição dos dois primeiros livros do *De fide*, tradicionalmente localizados em 378, transitam para 380: Gottlieb, 1973: 34-37; Mclynn, 1994: 102, n. 90.

²¹ Ele próprio tendia a assimilar-se à figura ideal deste bispo na carta a Sabino (*Ep.* 33 (49M.). 1-2 e 5) e em algumas passagens do *de officiis* (III.2): Lizzi, 1989: 20-22. Sobre a difusão deste modelo, Lizzi Testa, 2008.

bispos, clero e povo de Tessalônica, Acólio foi comparado ao bíblico Eliseu, pois libertou sua cidade dos godos que a sitiaram, permanecendo indefeso mas vibrante de oração em seu *otium* (Ambr. *Ep.* 51 (15M). 5-7). A carta, dirigida aos cristãos da cidade para enaltecer o bispo desaparecido e sugerir indiretamente a escolha do niceno Anísio, discípulo de Acólio (*Ep.* 52 (16M) .1), numa região ainda sob domínio semi-ariano, aludiu à derrota sofrida em Adrianópolis por Valente, imperador da *lubrica mens*, e celebrou a *fixa fides* de Teodósio, que havia estipulado uma paz duradoura com os godos, depois de ser batizado pelo bispo recém-falecido.²²

Depois do Frígido, o pedido de Teodósio para agradecer a Deus pela vitória chegou a Ambrósio.²³ Isso permitiu que o bispo reiterasse sua doutrina da vitória com ênfase. Ambrósio organizou uma celebração solene na igreja, a fim de realizar uma oferenda e uma ação de graças em homenagem ao imperador:²⁴

Portai con me all'altare la lettera della tua pietà e la collocai sull'altare, poi la tenni in mano mentre offrivo il sacrificio, perché per mezzo della mia voce parlasse la tua fede, e l'augusto scritto fungesse da offerta sacerdotale.²⁵

Elevar no altar junto com a hóstia, corpo de Cristo, uma carta imperial anunciando a vitória sobre Eugênio, Arbogasto e Flaviano, foi um gesto simbólico de enorme importância, uma inovação litúrgica com uma falta de escrúpulos impensável em outro bispo: com efeito, não havia precedentes (Mckormick, 1986: 107-109; Mclynn, 1994: 353-354; Pfeilschifter, 1996). Teodósio foi grato a Ambrósio. Ao organizar tal rito solene de ação de graças, o bispo fez de uma vitória relatada após uma guerra civil uma vitória *tout court*.

Nas palavras de Ambrósio, de fato, a vitória foi alcançada não pelo derramamento de sangue romano, mas “per liberare l’Impero dalla ferocia di un brigante barbaro e il trono da un indegno usurpatore” (Ambr. *Ep. extra coll.* 2.1: [...] *quo Romanum imperium a barbari latronis immanitate et ab*

²² Quando ainda estava em Tessalônica, tendo adoecido gravemente, Teodósio trouxe o bispo Acólio e, depois de verificar a ortodoxia de sua doutrina, foi batizado por ele no outono de 380: Socr. *HE* V.6; Sozom. *HE* VII. 4. Cronologia do Batismo dada por Ensslin, 1953: 17-24.

²³ Ambr. *Ep. extra coll.* 2.4: *Pro his gratias me censes agere oportere domino deo nostro, faciam libenter conscius meriti tui.*

²⁴ Ambr. *Ep. extra coll.* 2.4: *Certum est placitam deo esse hostiam quae vostro offertur nomine, et hoc quantae devotionis et fidei est! [...] clementia tua hostiam domino parat, oblationem et gratiarum actionem per sacerdotes celebrari domino desiderat.*

²⁵ Ambr. *Ep. extra coll.* 2.5: *epistulam pietatis tuae mecum ad altare detuli, ipsam altari imposui, ipsam gestavi manu cum offerem sacrificium, ut fides tua in mea voce loqueretur et apices augusti sacerdotalis oblationis munere fungerentur.*

usurpatoris indigni solio vindicares.). Arbogasto, que como subordinado de Bautão ajudou Teodósio a restaurar a ordem no Oriente após a grave derrota de Adrianópolis²⁶, foi o verdadeiro autor da captura de Magno Máximo e ele próprio executou a ordem para eliminar seu filho Vitor (Pacatus, *Paneg.* 44.2; Zos. IV.47.1.). Durante um banquete com os líderes francos vencidos em batalha, ele vangloriou-se de uma profunda familiaridade com Ambrósio (Paul. Med. VA 30.1-2.). O diálogo, relatado por Paulino de Milão, provavelmente ocorreu após a morte de Valentiniano II e a coroação de Eugênio, de modo que Arbogasto pode ter se gabado de grande amizade com o bispo para que pelo menos os católicos milaneses não compartilhassem a suspeita de que ele havia assassinado Valentiniano II²⁷ e apoiassem Eugênio, proclamado imperador por ele.²⁸ Franco de origem, Arbogasto certamente não era um bárbaro no sentido tradicional do termo, sendo altamente romanizado. Inclusive sua fé é de difícil comentário²⁹. O paganismo de Eugênio, contudo, tem sido questionado de várias maneiras³⁰, sendo agora claro que Ambrósio - primeiramente e influenciando alguns autores posteriores - favoreceu uma interpretação do embate político que levou ao Frígido como resultado de um conflito religioso acirrado entre os cristãos e os últimos pagãos.³¹

Para o bispo, no entanto, os esclarecimentos minuciosos dos estudiosos modernos teriam parecido especulações inúteis. Junto com Magno Máximo, que apesar de ser um homem de impecável ortodoxia foi

²⁶ Zos. IV.33.1-2; cf. Zos. IV.53.1, e Eun. fr. 53. A data é provavelmente 380, porque Teodósio já havia saído da Macedônia para Constantinopla.

²⁷ Arbogasto declarou que Valentiniano II havia cometido suicídio, e talvez fosse verdade, mas várias versões circularam e Rufino, Sozomeno e Zósimo (este último baseado em uma fonte contemporânea bem informada como Eunápio) relataram que o general havia assassinado o jovem fora de Viena, na frente de seus soldados: Sozom. HE VII.22.2; Ruf. HE XI.31; Zos. IV.54.3. Ambrósio (*de obitu Valentiniani* 51 e 71-78) alude apenas indiretamente à culpa de Arbogasto na morte de Valentiniano II: a certeza de que este estava no Paraíso, contudo, parece excluir o suicídio.

²⁸ Nesse sentido, o encontro entre Arbogasto e os líderes francos, recém derrotados em uma expedição punitiva às fronteiras da Gália, poderia ter ocorrido entre agosto de 392 (proclamação de Eugênio em Lyon) e abril de 393, quando este finalmente cruzou os Alpes, fracassando em todos os acordos possíveis com Teodósio I.

²⁹ Cameron, 2011: 85 considera que Arbogasto não poderia ter declarado tal familiaridade com o bispo se ele fosse pagão, mas a motivação é fraca, baseando-se na falsa suposição de que ele era filho de Bautão, certamente um cristão. Cf., por outro lado, Cracco Ruggini, 1997: 681, n. 33.

³⁰ Cameron, 2011: 74-89.

³¹ Foi Ambrósio quem primeiro interpretou o conflito decidido com a batalha do Frígido como um embate entre pagãos e cristãos, influenciando as narrativas posteriores com seus escritos, enquanto outros textos contemporâneos possuíam uma visão diferente do evento: Salzman, 2010; Cameron, 2011: 93- 131; Bonamente, 2013: 53-70; Bonamente, 2019: 93-132.

assimilado a Judas e Pilatos,³² Eugênio é imaginado no inferno no *de obitu Theodosii*. Para Ambrósio, o usurpador era ímpio (*infidelis*) pela simples razão de ter pegado em armas contra um imperador pio. O destino pós-morte dos usurpadores “era un miserabile esempio di quanto fosse duro impugnare le armi contro i propri sovrani” (Ambr. *De obitu Theod.* 39: *Contra autem Maximus et Eugenius in inferno [...] docentes exemplo miserabili, quam durum sit arma suis principibus inrogare*).

Na primeira carta enviada em resposta a Teodósio depois do Frigido, em suma, o bispo encerrava qualquer eventual controvérsia que os tradicionalistas do senado quisessem levantar sobre a natureza daquela vitória, prevendo que o imperador de Constantinopla regressasse a Roma a fim de celebrá-la com um triunfo.³³ De sua igreja, o bispo não se dirigiu apenas a seus fiéis em Milão, entre eles, sem dúvida, os membros da Corte convidados a participar daquela ação de graças.³⁴ Seus interlocutores ideais eram também os senadores de Roma, colegas do passado, dos quais Ambrósio conhecia as práticas, aspirações e, sobretudo, os motivos de crítica às manifestações autocráticas de poder, como os falsos triunfos. Isso é revelado pela frase da carta em que Ambrósio contrapôs o anseio de Teodósio, de ter sua vitória celebrada na igreja com uma ação de graças, e a atitude dos “altri imperatori che, quando cominciano a vincere, fanno costruire archi di trionfo e altri trofei delle loro vittorie” (Ambr. *Ep. extra coll.* 2.4: [...]) *Alii imperatores in exordio victoriae arcus triumphales parari iubent aut alia insignia triumphorum clementia tua hostiam domino parat [...]*. Parece-me que a frase contém uma alusão, ainda que discreta, ao *adventus* de Roma por Constâncio II, em 357, que para seu triunfo quis erguer um

³² Ambr. *Explan. Psalm.* 61.17; 24-25. Uma referência ao assassinato de Graciano por Máximo, vingado por Teodósio, também parece estar presente em Ambr. *Apol. David* 6.27.

³³ Sobre Roma enquanto um espaço triunfal, ver Liverani, 2016. A doença e a morte rápida de Teodósio em Milão (Paul. Med. VA 32.1), em 17 de janeiro de 395, impediram o imperador de voltar a Roma para convencer os senadores a abraçar a fé cristã, como Zósimo argumentou (Zos. IV.59.1; V.38.2). Defendida por Cameron, 1968: 248-65 (mas não mais por Cameron, 2011: 47, n. 58), esta segunda viagem de Teodósio a Roma foi considerada uma invenção de Zósimo por Paschoud, 1975: 100-183; cf. Paschoud, 2003: 470-473. A celebração de um *adventus* imperial, independentemente de ser um triunfo verdadeiro ou falso, envolvia um pesado compromisso financeiro, o que explica em parte a hostilidade senatorial por celebrações tão opulentas: Mazzarino, 1974, I: 207-213.

³⁴ Segundo McLynn, 1994: 354, entre os fiéis também devia haver muitos partidários do regime de Eugênio, que buscaram asilo na igreja quando souberam da derrota. É difícil imaginar como o asilo foi tecnicamente realizado; talvez bastasse ser formalmente acolhido na igreja e solicitar um pedido de “asilo eclesiástico” ao bispo, ou melhor, a um diácono, sem que isso implique uma permanência nos edifícios sagrados até que o imperador decidisse suspender a condenação dos culpados.

obelisco no Circo Máximo.³⁵ Outras fontes contemporâneas, cuja dependência mútua não pode ser decifrada, indicam que a chegada de Teodósio a Roma, em 13 de junho de 389, de fato reacendeu questões caras à tradição senatorial do alto império, hostil aos “falsos triunfos”, nas obras publicadas.³⁶ Pacato, panegirista do sul da Gália, recordou a entrada de Teodósio em um discurso proferido perante o Senado e o imperador, dedicando-lhe (no total) algumas poucas linhas, que recordavam os principais momentos (Pacatus, *Pan.* XII [2]. 47.3-4). Embora a linguagem e as formas do cerimonial fossem convencionais, a conduta de Teodósio durante a procissão triunfal e as visitas aos grandes monumentos de Roma e às residências dos senadores possuem fortes semelhanças com a famosa descrição de Amiano Marcelino sobre a entrada triunfal de Constâncio II, trinta anos antes.³⁷

O historiador antioquiano provavelmente já havia terminado de escrever essa passagem antes de 389 (Matthews, 1989: 11-12; 449-450), mas o autor da *Historia Augusta* pôde refletir justamente as polêmicas daqueles dias ao retomar o tema: Sétimo Severo recusou o triunfo decretado pelo senado após a eliminação de Níger, tendo em vista não aparentar o desejo de celebrá-lo por uma vitória em uma guerra civil.³⁸ O de Galiano, após a campanha contra Póstumo e outros usurpadores, contudo, é descrito como um pândego (SHA Gall. 8-9: Ratti, 2002: 125-142.). O triunfo de Aureliano, por outro lado, é *speciosissimus* justamente em comparação com o anterior,³⁹ sendo realizado em Zenóbia e Tétrico (o que chateou um pouco

³⁵ Amm. Marc. 16.10.17; sobre a história do obelisco, Amiano se retém em outro lugar (17.4. 13-14). Fowden, 1987: 51-57, chamou a atenção para o fato de que, na inscrição dedicatória (ILS 736), Constâncio II declarou que Constantino, originalmente, pretendia enviar o obelisco - que Augusto hesitou em transferir do Egito pois era um monumento dedicado ao deus Sol - a Constantinopla, talvez para mostrar que sua afeição por Roma era maior que a de seu pai.

³⁶ Svet. Cal. 45-47; Vit. 10.2; Plin. *Pan.* 16.3; Tac. *Ann.* 14.13; cf. Vera, 1981: 83-85 a propósito de Symm. *Rel.* 9; e, mais recente, Kulikowski, 2016.

³⁷ Adm. Marc. 16.10. 1-17. Amiano, que desde o início revela a razão central para a dissidência (*Constantius quasi cluso Iani templo stratisque hostibus cunctis, Romam visere gestiebat, post Magnenti exitium absque nomine ex sanguine Romano triumphaturus*), traz suas críticas ao longo do relato.

³⁸ SHA Sept. Sev. 9.11: *Sed triumphum respuit, ne videretur de civili triumphare victoria.*

³⁹ SHA Aur. 33.1: *fuit enim speciosissimum.* Eutrópio (9.13.2) julgou-o *nobilis*.

o Senado⁴⁰), mas também em todo o Oriente e Ocidente⁴¹. A cerimônia, além disso, foi apresentada como uma ação de graças a Júpiter Ótimo Máximo, em cujo templo, no Capitólio, ele montou em uma carruagem atrelada a quatro veados, que pertencia ao rei dos godos e foi prometida em voto ao deus (SHA *Aur.* 33.3: Paschoud, 2002: 160-169). Imaginar que Ambrósio veio a conhecer o texto de Vopisco a partir daqueles que possivelmente ouviram uma audição prévia e restrita é, talvez, excessivo, contudo é plausível pensar que o bispo conhecia bem uma certa mentalidade aristocrática, para a qual o exibicionismo de pseudo triunfos, agora os únicos celebrados em Roma a partir de Constantino, era simplesmente ofensivo aos antigos cânones. Sua doutrina da vitória incruenta dialogava não apenas com a chegada a Roma em 389, mas também com outras controvérsias recentes provocadas por decisões de Teodósio. Imediatamente após a descrição da ação de graças realizada na igreja, oferecendo a carta imperial no altar, o bispo recorda os dois príncipes augustos, ambos agora designados para a sucessão:

Il Signore è veramente propizio all'Impero romano, poiché ha scelto un tale principe e padre di principi, il cui valore e il cui potere, pur collocati in così sublime vertice del trionfale dominio, sono sottomessi ad una sì grande umiltà, che hanno superato in valore gli imperatori, in umiltà i vescovi (Ambr. *Ep. extra coll.* 2.5).

A passagem deve ser incluída ao lado das orações fúnebres para Valentiniano II e Teodósio, porque mostra como, naqueles anos, Ambrósio foi particularmente cuidadoso em atribuir virtudes tipicamente episcopais aos imperadores. Como já foi dito, isso favoreceu um amálgama entre os atributos do bispo e os dotes imperiais, empreendendo uma “clericalização do homem de governo” e ao mesmo tempo dando aos padres alguns traços típicos do oficial imperial.⁴² Os dois novos augustos, porém, não eram apenas pios, mas também *principes pueri*. Arcádio, nascido em 377, foi proclamado Augusto em Constantinopla aos 6 anos, em 19 de janeiro de 383; Honório o foi em 23 de janeiro de 393, tendo nascido em setembro de 384, tinha 9 anos. Os temas discutidos (vitória sobre o usurpador; novos príncipes) foram ditados pela contemporaneidade, mas sua estreita

⁴⁰ Vopisco refere-se ao tema da “triste vitória” ao descrever o sentimento do senado, que participava da procissão: *etsi aliquanto tristior quod senatores triumphari videbant* (SHA *Aur.* 34.4). Tanto na *Vita Firmi* (SHA *Firmi* 2.2), como em várias seções dedicadas aos *Triginta Tyranni* e na *Quadruga Tyrannorum*, fica clara a ideia que o autor da obra tinha dos usurpadores: foram assim considerados depois de derrotados, mas surgiram porque os imperadores legítimos já não se ocupavam mais da defesa do império, nem protegiam os privilégios dos grandes senadores de Roma. Paschoud, 2013: 196.

⁴¹ SHA *Aur.* 32.4: *de oriente et de occidente triumphum Romanis oculis exhiberet*. Sobre os triunfos imperiais, desde o tempo de Alexandre Severo até Diocleciano, Haake, 2016.

⁴² Pelo o ímpeto dado por Ambrogio a esse processo, faz-se necessário lembrar a obra fundamental de Consolino, 1984.

concomitância sugere que o público ideal do bispo era maior do que apenas os fiéis reunidos na igreja de Milão.

A crítica feroz ao *Römische Kindekaiser*, de fato, ocupa uma das passagens mais famosas da *Vita Taciti* na *Historia Augusta*, o famoso discurso no senado de Mécio Faltônio Nicômaco. Depois de relembrar célebres exemplos do passado - Nero, Heliogábalo, Cômodo -, cujas monstruosidades dependiam em grande parte da idade, Nicômaco chamou a atenção para os riscos que os príncipes-crianças ofereciam ao Império e à ordem senatorial, propensos a conceder consulados em troca de doces saborosos e a nomear cônsules, generais e juízes sem saber sua idade, méritos, família ou ações passadas. Por fim, o senador encerrou seu discurso com um apelo solene ao idoso imperador Tácito, para que não nomeasse seus filhos, ainda crianças, enquanto herdeiros, como se o Império Romano fosse uma pequena vila, com poucos colonos e servos, a ser transferida para os descendentes.⁴³

Identificar o contexto histórico preciso em que a polêmica contra os *principes pueri* se tornou central para os debates senatoriais representou uma das principais tendências da *Historia Augusta-Forschung*, uma vez que o problema está ligado à data de execução da obra. A aversão ao princípio dinástico, não menos que a crítica aos falsos triunfos, constituiu um dos carros-chefe ideológicos daquela parte do senado que de tempos em tempos apoiava (e provavelmente cooperou para elaborar) algumas das mais famosas usurpações que se seguiram na Antiguidade tardia. Mesmo a usurpação de Átalo, durante o segundo cerco de Roma, no final de 409, logo acompanhou a designação de Teodósio II (já nomeado Augusto aos 8 meses), após a morte de seu pai Arcádio (em 1 de maio de 408), quando a criança tinha apenas 7 anos (Zos. 5.32.1-34.7). A proclamação de Honório, porém, não muito distante da de Arcádio, ou a morte de Teodósio, em janeiro de 395, que tornou os dois filhos herdeiros do Império do Ocidente e do Oriente de pleno direito, constituíram o cenário perfeito para estourar a controvérsia.⁴⁴ Não faltaram, de fato, aqueles que acreditaram reconhecer na fala de Mécio Faltônio Nicômaco o discurso que Nicômaco Flaviano, o velho, teria feito no senado quando Teodósio I, em vez de reconhecer Eugênio, elevou seu filho Honório à dignidade de Augusto, em 393.⁴⁵ O

⁴³ SHA Tac. 6.4-7: *ne parvulos tuos [...] facias Romani heredes imperii*: Paschoud, 2002: 268-271.

⁴⁴ Após o clássico volume de Hartke, 1951, os estudiosos se orientaram pensando também em um período de alguma década após 395 d.C., como Straub e seus alunos: Chastagnol, 1994: XXXI; XXXIII; CLXI-CLXII.

⁴⁵ Honoré, 1987: 173-176; Honoré, 1989: 9-17. Sobre a proposta, contudo, Paschoud, 2002: 266-267, permanece cético.

discurso de Flaviano sendo real ou não, certamente a escolha de Teodósio para nomear seu filho Honório como Augusto, depois de ter se recusado a assumir o consulado de 393 com Eugênio, senão a usurpação, causou o descenso na Itália do recém-eleito, que foi imediatamente reconhecido em Roma (Matthews, 1975 (1990): 240, n. 1).

Ambrósio, portanto, não poderia encontrar melhor maneira de dissociar a igreja de Milão e ele próprio - um bispo, mas de posto *clarissimus*, que esperou receber a comunicação da vitória para expressar sua adesão a Teodósio e à nova dinastia - daquele ramo senadores que apoiaram o usurpador. Ele retomou as principais razões que causaram a hostilidade senatorial em relação à política de Teodósio I e as converteu em outras tantas condições efetivas para apoiá-la e aceitá-la. O confronto político transformou-se numa questão de natureza religiosa. A inovação litúrgica introduzida representou, plasticamente, sua opção política, para que os fiéis pudessem compartilhá-la com entusiasmo religioso.

Ambrósio, Teodósio e o direito de asilo

A primeira carta a Teodósio provavelmente terminou com a referência aos pios filhos do pio príncipe. Ambrósio pode ter acrescentado ao imperador o desejo final de aumentar sua *pietas*, para que, por meio de sua *clementia*, a Igreja pudesse “non solo compiacersi della pace e della tranquillità di chi è senza colpa, ma altresì rallegrarsi del perdono concesso ai colpevoli” (Ambr. *Ep. extra coll.* 3.3), quando reelaborou a primeira carta antes da publicação. Desse modo, ele teria criado um pequeno dossiê sobre o assunto. Inclusive sobre a alavancagem da *clementia* do imperador, mencionada várias vezes no primeiro texto, mas especialmente no centro do segundo (Ambr. *Ep. extra coll.* 2.2; 4; 6; 7; *Ep. extra coll.* 3.1; 2; 3; 4.), o bispo valeu-se de uma tradição senatorial arraigada que remonta às origens do principado. Como lemos nas entrelinhas da famosa *de clementia* que Sêneca dirigiu a Nero, ela nasceu da necessidade de moderar o absolutismo de um príncipe, do qual ninguém agora queria prescindir, mas em relação ao qual, indiretamente, queriam manter o direito de expressar sua discordância (mesmo criando um soberano alternativo ao atual) com a esperança de serem perdoados.⁴⁶ Mesmo nesse caso, porém, Ambrósio não se limitou a repropor um tema caro à sua classe. Ele não só

⁴⁶ Após o famoso volume de Griffin, 1976, ao qual o autor acrescentou recentemente um estudo sobre o *de beneficiis* (Griffin, 2013), as inúmeras contribuições sobre a obra (cf. Malaspina, 2003) podem ser consultadas na *Bibliografia senecana del XX secolo*, disponível no site <http://www.senecana.it>.

solicitou *clementia* para os que foram culpados de conluio com o usurpador, mas também o perdão àqueles que se refugiaram em sua igreja. O pedido, que levantou a questão da legitimidade do direito de asilo eclesiástico, merece um estudo mais aprofundado, valendo-se de informações da segunda carta enviada a Teodósio.

A linguagem adotada no prefácio, que utiliza *topoi* codificados na troca de cartas entre membros cultos da *élite*, é hoje mais conhecida graças ao estudo da correspondência de Quinto Aurélio Símaco.⁴⁷ A tendência do raciocínio, apesar de uma coerência nem sempre perceptível, pode ser facilmente resumida. O bispo lembrou-se imediatamente de que já havia enviado uma carta de resposta a Teodósio.⁴⁸ Tal reciprocidade na correspondência (*reddidere officium sermonis*) teria sido suficiente em uma relação entre iguais (*velut pari vice*), mas dificilmente poderia contrabalançar os inúmeros benefícios da clemência imperial com tantas expressões de afeição (*nullis beneficiis possim compensare quod debeo*). Dado que se apresentou uma nova e importante oportunidade, ele estava prestes a enviar uma segunda carta, a fim de expressar o obséquio devido (*qua pietati tuae deferrem debitum salutationis obsequium*). Na parte central da carta, também são dados alguns detalhes interessantes sobre a maneira como ocorreu a primeira correspondência. Fora através do *cubicularius* do imperador, agora um importante funcionário da corte, enviado de Aquileia, a quem Ambrósio se apressou a dar sua resposta. Este último é indicado com um termo técnico (*officium alloquii mei*) - que não pode ser confundido enquanto uma resposta simplesmente oral (como pretende, ao contrário, Palanque, 1933: 289, n. 125), - sobretudo porque seu conteúdo é referido sublinhando que, não por preguiça, mas por um estado de necessidade, ele não foi o primeiro a escrever (Ambr. *Ep. extra coll.* 3.2: *et alloquii mei officium repraesentarem, maxime ne desidiaie putaretur fuisse potius quam necessitatis quod tempore non scripserim superiore*). A segunda carta, por

⁴⁷ Ambrósio tinha consciência do significado da troca de cartas entre as classes eruditas como instrumento apropriado para manter e fortalecer os laços de solidariedade. O prefácio da epístola a Flávio Presídio Rômulo mostra isso: Ambr. *Ep.* 48 (66M).1, sobre o qual, Lizzi Testa, 1989: 15-16, n. 1. No tocante aos códigos linguísticos nas cartas de Quinto Aurélio Símaco, Marcone, 1983: 33-34.

⁴⁸ *Ep. extra coll.* 3.1: *Quamvis proxime scripserim augustae Clementiae tuae secundo*. Banterle, 1988: 193, traduz *secundo* como sinônimo de vitória (“il successo della tua augusta clemenza”), mas creio que Ambrósio, com isso, alude ao fato de ter sido o segundo a escrever, já que tal atitude possuía um sentido particular na etiqueta das trocas de cartas. O fato constituía certo embaraço e preocupação para o bispo (como mostra a *Ep. extra coll.* 2.1), mas ao mesmo tempo era também motivo de orgulho, daí a tendência distorcida das subordinadas (na minha opinião pretendida). O significado aqui escolhido para *secundo* parece ser confirmado pela alusão subsequente *quod tempore non scripseram superiore* (*ibidem*, 2).

outro lado, foi enviada pelo bispo a Aquileia através do diácono Félix (Ambr. *Ep. extra coll.* 3.2).

Isso também é o que lembra Paulino de Milão. Seu relato concorda apenas parcialmente com a informação de Ambrósio, ao afirmar que a carta enviada por Félix pedia clemência não apenas pelos culpados de terem se aliado a Eugênio, mas igualmente para aqueles que, do mesmo modo, se refugiaram na igreja.⁴⁹ Para Paulino, no entanto, o perdão para estes últimos foi solicitado pessoalmente pelo bispo, a caminho de Aquileia, somente após a intervenção do tribuno e notário João:

poi, in verità, dopo che Giovanni, che a quel tempo era tribuno e notaio e ora è prefetto, fu inviato a proteggere coloro che si erano rifugiati presso la chiesa, anche Ambrogio di persona si recò ad Aquileia per supplicare a loro favore. Per costoro il perdono fu ottenuto facilmente, perché l'imperatore cristiano, gettandosi ai piedi del vescovo, attestava di essere salvato dai suoi meriti e dalle sue preghiere.⁵⁰

Deixamos de fora a conclusão do relato, que para fins esclarecedores não dá crédito ao compromisso do bispo (como veremos de grande envergadura) em inclinar Teodósio à clemência por aqueles que se refugiaram na igreja de Milão. Em vez disso, gostaríamos de chamar a atenção para a tarefa do *tribunus et notarius* João. Embora Paulino não diga claramente para onde estava indo, a tendência do período parece-me excluir que ele tenha sido enviado por Teodósio a Milão “para inspecionar” os refugiados na igreja.⁵¹ Sua missão era proteger, não inspecionar, os que requeriam asilo. Que ele tenha ido de Milão para Aquileia, por outro lado, parece ser deduzido do que Paulino acrescenta: “dopo che Giovanni era stato inviato... anche egli stesso si recò ad Aquileia”, implicando que Ambrósio seguiu o mesmo itinerário que João (de Milão a Aquileia). Paulino, ao ser sintético por meio de um “*directus est*”, não diz tampouco quem enviou João. O verbo, em vez de um sentido passivo, pode ser

⁴⁹ Ambr. *Ep. extra coll.* 3.2: *memoratum quoque pro his qui ad matrem pietatis tuae ecclesiam petentes misericordiam confugerunt*; Paul. Med. VA 4-5.

⁵⁰ Paul. Med. VA 31.5: *postea vero quam directus est Iohannes tunc tribunus et notarius, qui nunc praefectus est, ad tuitionem eorum qui ad ecclesiam confugerant, etiam ipse Aquileiam perrexit precandum pro eis*. A tradução italiana é de Navoni, 2016: 136-137. No final de 394, João podia ser somente um simples *notarius* ou já *tribunus et notarius*, como Paulino o define. Para a promoção do posto e a ascensão política dos notários desde a época de Valentiniano I, ver Teitler, 1985: 68-72; Delmaire, 1995: 47-56. Muitas constituições referem-se a ele como prefeito do pretório da Itália tanto em 412-413, como também em 422 (Plre I, Iohannes 2: 459). Já que Paulino escreveu a *Vita Ambrosii* na África, aparentemente em 422 (Zocca, 1998; Cracco Ruggini, 2001: 504-507; Navoni, 2016: 50-51), e não em 412/413, como sugeriu Lamirand, 1981 (cf. Lamirand, 1983: 21-24), João foi provavelmente prefeito da Itália e da África em 422.

⁵¹ Assim Mclynn, 1994, ao contrário de Matthews, 1975 (1990): 247, acredita que foi Ambrósio quem o enviou a Teodósio.

entendido como reflexivo, de modo a ser traduzido como: “dopo che Giovanni ‘si dicesse (o andò)’ a tutelare ...”. Isso indicaria que o funcionário o fez espontaneamente. A corte imperial, ou pelo menos muitos de seus escritórios, estavam agora bem instalados no *Palatium* ou em seus arredores, já que Teodósio se estabeleceu em Milão (e não em Roma), em 10 de outubro de 388, após derrotar Magno Máximo;⁵² na mesma cidade escolhida por Valentiniano II para celebrar seu consulado em 390,⁵³ sem se dirigir a Roma, onde Teodósio I havia apresentado seu filho Honório ao senado (Socr. *HE* V.14.3; Claud. *De VI cons. Hon.* 53); e finalmente, Eugênio foi para Milão para residir lá. Após sua execução, a corte milanesa dependia de Teodósio. No entanto, de acordo com Paulino, ele ainda devia ser persuadido a usar de clemência para com aqueles que tinham tomado partido pelo usurpador, então não é improvável que um alto funcionário da corte, residente em Milão, decidisse intervir junto ao imperador com o intuito de falar em favor daqueles colegas, e talvez seus superiores, que, suspeitos de *maiestas*, se refugiaram na igreja de Ambrósio.

O *tribunus et notarius* era provavelmente um cristão devoto da igreja milanesa. Paulino não esquece de mencionar sua extraordinária carreira, declarando que ocupou o cargo de Prefeito do pretório enquanto escrevia a *Vita Ambrosii*, na África. Isso indica uma familiaridade prolongada com aquele homem. Uma cápsula elíptica conservada no tesouro de Santa Eufêmia, em Grado, pode ser prova da sua devoção cristã.⁵⁴ O relicário de prata, adornado com as figuras de Cristo, ao lado de Pedro e Paulo, os santos Câncio, Canciano e Cancianila (mártires de Aquileia) e os santos Quirino, mártir de Sescia, e Latino, foi dedicado por três *spectabiles viri*: *Ioannes, Laurentius e Niceforus*. É, com efeito, um exemplar característico do evergetismo dos oficiais do alto escalão na Aquileia dos séculos IV e V. *Ioannes* poderia, portanto, ser nosso oficial, grato aos seus santos romanos

⁵² *CTh* 15.14.6 (de Aquileia, em 22 de setembro); 14-7 (10 de outubro, de Milão), ambos para cancelar as *acta* de Máximo.

⁵³ Símaco pediu perdão ao imperador e desculpou-se com o outro novo cônsul Neoterio, por não poder participar das celebrações milanesas, duplicando as cartas de desculpas porque o *agens in rebus* (quem devia ser o portador) guardou-as consigo (Symm. Ep. V.34 e 38: Rivolta Tibergera, 1992: 134-136; 142-144; 221-222; 250-251), dirigindo finalmente a Rufino (poderoso *magister officiorum* de Teodósio de 388 a 392) o pedido para interceder junto ao imperador para justificar sua ausência (Ep. III.85: Pellizzari, 1998: 234-236; 269; 301).

⁵⁴ A cápsula pode ter sido trazida de Aquileia depois de 568, quando o patriarca Paulo transferiu o *thesaurum ecclesiae* para Grado: Paul. Diacon. *Hist. Lang.* II, 10. Sobre o relicário, Spinelli, 2008: 52-58. Os doadores são indicados na faixa inferior: *LAVRENTIVS V(ir) S(pectabilis) IOANNIS V(ir) S(pectabilis) NICEFORVUS V(ir) S(pectabilis) SAN(c)TIS REDDEDID [reddiderunt] BOTVM [votum]*. Acima são mencionados os santos Cancianos, representados ao centro, e outros dois santos evidentemente escolhidos pelos doadores.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 288-312

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13937

e locais pelo sucesso da operação realizada após o Frígido (Lizzi Testa, 1989: 165-166, n. 96).

A decisão de João de se dirigir a Aquileia para proteger aqueles que se refugiaram na igreja de Milão, embora atribuível a uma iniciativa pessoal do *tribunus et notarius*, não pode ter sido tomada sem um acordo prévio com o bispo que abrigava os supostos culpados. Tanto João quanto o bispo estavam cientes dos riscos que a tarefa acarretava. Entre os bispos e padres cristãos, precisamente entre o final do século IV e o início do século V, são lembradas diversas ações em defesa de escravos perseguidos, criminosos, mas também de notáveis devedores e viúvas em crise com o fisco.⁵⁵ Um cânone do Concílio de Sárdica de 343, que Ambrósio e Dâmaso provavelmente acreditavam ter sido emitido em Nicéia, em 325, instava os bispos a exercer asilo, com o objetivo de evitar ou retardar a aplicação da pena (por vezes de morte) e permitir que os culpados tenham tempo para realizar penitência. Tecnicamente, a prática pode configurar-se como uma aplicação do procedimento romano de *intercessio*.⁵⁶ No Oriente e no Ocidente, no entanto, o asilo causou tensões e conflitos entre bispos e funcionários imperiais, enquanto as disposições legislativas a esse respeito limitavam seu alcance.⁵⁷ Portanto, exercer asilo em auxílio de possíveis culpados de *maiestas* (como conluio com um usurpador), logo após o Frígido, poderia criar um conflito com a autoridade imperial.

Isso poderia explicar por que, após João, o próprio Ambrósio deslocou-se para Aquileia. Os cânones de Sárdica proibiam os bispos de recorrer ao tribunal, a menos que fossem convidados,⁵⁸ por isso é provável que Ambrósio tenha ido a convite Teodósio, a fim de render *rationem* sobre o que havia feito em auxílio aos supostos culpados, em consentimento com um funcionário da corte de Milão. Quão grave e prolongado, efetivamente, pode ter sido o desacordo entre imperadores e bispos, sobre o direito

⁵⁵ Em Basílio (Gr. Naz. *Or.* 43, PG 35, 568), João Crisóstomo (*Hom. in Eutropium*, PG 55, c. 394) e Sinésio (*Ep.* 72, p. 128, 4-7), particularmente, momentos de atrito com as autoridades imperiais, no tocante ao exercício do asilo eclesiástico, são mencionados ou diretamente relatados.

⁵⁶ Conc. Serdicae, *can.* 8: *ad misericordiam ecclesiae confugiant qui iniuriam patiuntur*. Sobre a autoridade dos cânones daquele concílio, que no Ocidente se acreditava terem sido emitidos em Nicéia, Lizzi Testa, 2019: 39-41.

⁵⁷ *CTh* 9, 40, 16 (27 de julho de 398), parcialmente repetido em *CTh* 11, 30, 57 e retomado em *Cod. Iust.* I.4.6 e VII.62.29, é extraído de uma longa lei contra clérigos e monges que privam da justiça os condenados, da qual outros fragmentos estão em *CTh* 9, 45, 3. Sobre outras restrições da lei, *CTh* 16.2.33 e *Cod. Iust.* I.4.7: ver Rougé; Delmaire, 2009: 202-205, com bibliografia; Ducloux, 1994: 64-80; 267-268.

⁵⁸ Conc. Serdicae, *Can.* 8 e 9a. Ambrósio e Dâmaso mostraram que os conheciam e os seguiram: Lizzi Testa, 2019: 51-56.

destes últimos de exercer asilo em seus locais sagrados, é relatado por outro episódio da *Vita Ambrosii*. De acordo com Paulino, os soldados que capturaram um certo Crescônio, arrastando-o para fora da igreja onde se refugiara, apesar de ser arduamente defendido por Ambrósio e seus clérigos, foram despedaçados pelos leopardos, assim que entraram no anfiteatro relatar o sucesso de sua missão a Estilício. O fato deve ter ocorrido logo após a crise provocada pela usurpação de Eugênio, pois o espetáculo havia sido encenado para o consulado de Honório, evidentemente o terceiro, desempenhado em 396 (Lizzi, 1989, 165-166, n. 96). Tais eventos milagrosos também ocorrem em outras partes do texto, sempre para mostrar que as ações do bispo, frustradas por um imperador que vacilou na verdadeira fé, ou por oficiais e soldados arianos (como no último caso), tiveram o apoio de Deus, que manifestou-o imediatamente.⁵⁹ O episódio, de fato, exalta a força do bispo e a *pietas* do imperador, mas também salienta que o asilo eclesiástico não era um direito adquirido para sempre.

Ambrósio estava ciente disso. Em *de obitu Theodosii*, no discurso fúnebre proferido quarenta dias após a morte do imperador (17 de janeiro de 395), apenas quatro meses depois do Frígido, ele não se recorda sequer da concessão de perdão aos que se refugiaram em sua igreja, o que segundo para Paulino foi obtido de uma maneira muito fácil (Paul. Med. VA 31.5: *quibus facile venia inpetrata est*). A *clementia* de Teodósio - vitorioso sobre a impiedade dos tiranos e os ídolos dos gentios - é certamente a primeira virtude mencionada na oração. Essa, no entanto, é mencionada pela *indulgentia* concedida e o pesar imperial pelos que rejeitaram seu perdão (*De obitu Theod.* 4). O pensamento do bispo, em constante diálogo com a Corte e o Senado, passou então para Nicômaco Flaviano, Arbogasto e outros que preferiram o suicídio à reconciliação. De fato, na primeira parte do discurso, iniciada classicamente lembrando a natureza em turbulência pela morte do imperador e a piedade bíblica de Honório, que, como José, prestou as honras fúnebres por quarenta dias a seu pai, o bispo falou em primeiro lugar como um especialista político, com o intuito de oferecer uma contribuição essencial para a situação. Ele recorreu, portanto, à lealdade dos soldados para com os jovens príncipes (*De obitu Theod.* 6); informou sobre a suspensão do imposto sobre o trigo e a abolição dos legados, que seriam substituídos por fideicomissos (*De obitu Theod.* 5); forneceu a primeira legitimidade oficial para a posição de Estilício como “guardião” de ambos os príncipes (*De obitu Theod.* 5: *nisi ut eos praesenti*

⁵⁹ Paul. Med. VA 34, 2. Sobre a natureza da *Vita Ambrosii* como a primeira biografia episcopal, ver Mohrmann, 1975: 307. Sobre a particularidade dos dons ambrosianos, ver Lizzi Testa, 1994; Cracco Ruggini, 2001: 507-517; Lizzi Testa, 2008.

commendaret parenti), mas, acima de tudo, reafirmou que a lei sobre a *indulgentia* estava esperando para ser ratificada por Honório (*De obitu Theod.5: Praecipit dari legem indulgentiae, quam scriptam reliquit. Quid dignius, quam ut testamentum imperatoris lex sit?*).

A *clementia* imperial, virtude ligada à *pietas*, era um ato político essencial para um príncipe contra o qual um usurpador havia sido levantado. Uma vez que transformou os que ousaram se opor em “colaboradores gratos”, o perdão sancionou a verdadeira paz social, restabelecendo a harmonia dentro da ordem senatorial, dividida entre partidários e opositores do regime vigente, e entre o imperador e uma *élite*, da qual não se podia prescindir no governo do império. Como *clarissimus*, portanto, Ambrósio o recomendou aos filhos de Teodósio e a Estilicão. Os seus conselhos, aliás, por refletir perfeitamente a opinião de toda a assembleia senatorial, foram prontamente seguidos.⁶⁰

Referências Bibliográficas

ALZATI, Cesare. Beatus Constantinus nel ricordo di sant’Ambrogio a Milano. *Diritto@Storia*, n. 12, p. 5-16, 2014.

BANTERLE, Gabriele (ed.). *Sant’Ambrogio. Discorsi e Lettere / I Le orazioni funebri* (SAEMO, 18). Milano, Roma: Biblioteca Ambrosiana-Città Nuova Editrice, 1985.

BANTERLE, Gabriele (ed.). *Sant’Ambrogio. Discorsi e Lettere II/III. Lettere (70-77)*, (SAEMO, 21). Milano, Roma: Biblioteca Ambrosiana-Città Nuova Editrice, 1988.

BONAMENTE, Giorgio. The Frigidus. In: LIZZI TESTA, Rita (ed.). *The Strange Death of Pagan Rome*. Tournhout: Brepols, 2013, p. 53-70.

BONAMENTE, Giorgio. Da Rufino a Orosio: la battaglia al Fiume Freddo e l’eclissi della storiografia classica. In: CECCONI, Giovanni Alberto; LIZZI TESTA, Rita; MARCONE, Arnaldo (eds). *The Past as Present: Essays on Roman History in Honour of Guido Clemente*. Tournhout: Brepols, 2019, p. 93-132.

⁶⁰ Duas constituições de Honório - *CTh* 15.14.11 (18 de maio de 395) e 12 (17 de junho de 395), a Andrômaco, prefeito de Roma, e Eusébio, prefeito pretoriano, respectivamente - concederam perdão a todos aqueles que ocuparam cargos públicos no governo de Eugênio.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 288-312

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13937

BRATOŽ, Raiko. La battaglia del Frigidus (394 d.C.) nelle ricerche degli ultimi vent'anni. In: CAVAZZA, Silvano; IANCIS, Paolo (eds). *Gorizia. Studi e Ricerche per il LXXXIX Convegno della Deputazione di Storia Patria per il Friuli*. Deputazione di Storia Patria per il Friuli: Udine, 2018, p. 9-60.

BROWN, Peter. *Through the Eye of a Needle. Wealth, the Fall of Rome, and the Making of Christianity in the West, 350-550 AD*. Princeton and Oxford: PUP, 2012.

CAMERON, Alan. *The Last Pagans of Rome*. Oxford: OUP, 2011.

CHASTAGNOL, André. (éd.). *Histoire auguste. Les empereurs romains des 2 et 3 siècles*. Paris: Laffont, 1994.

CONSOLINO, Franca Ela. Il significato dell'“inventio crucis” nel “De obitu Theodosii”. *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia di Siena*, v. 5, p. 161-180, 1984.

CRACCO RUGGINI, Lellia. Les généraux francs aux IVe-Ve siècles et leurs groupes aristocratiques. In: ROUCHE, Michel (éd.). *Clovis: histoire & mémoire, I (Clovis et son temps: l'événement)*. Paris: Sorbonne Plus, 1997, p. 673-688.

CRACCO RUGGINI, Lellia. Tra Ambrogio e Agostino, tra Milano e l'Africa. *Annali di Studi Religiosi*, v. 2, p. 503-517, 2001.

DELMAIRE, Roland. *Les institutions du bas-empire romain de Constantin à Justinien. Les institutions civiles palatines*. Paris: Les éditions du Cerf, 1995.

DEMANDT, Alexander. Römische Entscheidungsschlachten. In: BRATOŽ, Rajko (Hrsg.). *Westillyricum und Nordstitalien in der spätrömischen Zeit*. Ljubliana: Ljubliana Narodni muzei, 1996, p. 31-43.

DUCLoux, Anne. *Ad ecclesiam confugere. Naissance du droit d'asile dans l'églises (IVe-milieu du Ve s.)*. Paris: Editions de Boccard, 1994.

ENSSLIN, Wilhelm. *Die Religionspolitik des Kaisers Theodosius d.Gr. Sitzungsberichte der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, philosophisch-historisch Klasse, Jahrgang*. Munich, 1953, v.2.

FOWDEN, Garth. Nicagoras of Athens and the Lateran Obelisk. *Journal of Hellenic Studies*, v. 107, p. 51-57, 1987.

GOTTLIEB, Günther. *Ambrosius von Mailand und Kaiser Gratian*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1973.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 288-312

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13937

GRIFFIN, Miriam T. *Seneca: A Philosopher in Politics*. Oxford: Clarendon Press, 1976.

GRIFFIN, Miriam T. *Seneca on Society. A Guide to De Beneficiis*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

HAAKE, Matthias. Zwischen Severus Alexanders Triumph über die Säsäniden im Jahre 233 und den Triumphfeierlichkeiten Diocletians und Maximians im Jahre 303. Zum römischen Triumph im dritten Jahrhundert n.Chr. In: GOLDBECK, Fabian; WIENAND, Johannes (Hrsg.). *Der Römische Triumph in Prinzipat und Spätantike*, Berlin, Boston: De Gruyter, 2016, p. 357-396.

HARTKE, Werner. *Römische Kinderkaiser. Eine Strukturanalyse römischen Denkens und Daseins*. Berlin: Akademie, 1951.

HONORÉ, Tony. Scriptor *Historiae Augustae*. *Journal of Roman Studies*, v. 77, p. 156-176, 1987.

HONORÉ, Tony. *Virius Nicomachus Flavianus*. Konstanz: Universitätsverlag, 1989.

KULIKOWSKI, Michael. *Imperial Triumph: The Roman World from Hadrian to Constantine (AD 138-363)*. Main: Profile Books, 2016.

LAMIRANDE, Émilien. La datation de la Vita Ambrosii. *Revue des Études Augustiniennes*, v. 27, p. 44-55, 1981.

LAMIRANDE, Émilien. *Paulin de Milan et la "Vita Ambrosii"*. Aspects de la religion sous le Bas Empire. Paris: Desclée, 1983.

LIEBESCHUETZ, John Hugo Wolfgang Gideon (ed. with the assistance of Carole Hill). *Ambrose of Milan. Political Letters and Speeches*. Liverpool: LUP, 2005.

LIZZI TESTA, Rita. *Vescovi e strutture ecclesiastiche nella città tardoantica (l'Italia Annonaria nel IV-V secolo d.C.)*. Como: New Press, 1989.

LIZZI TESTA, Rita. Tra i classici e la Bibbia: l'otium come forma di santità episcopale. In: BARONE, Giulia; CAFFIERO, Marina; Scorza Barcellona Francesco (a cura di). *Modelli di santità e modelli di comportamento: contrasti, intersezioni, complementarità*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1994, p. 43-64.

LIZZI TESTA, Rita. Martino vescovo santo: un modello di santità nell'Occidente tardoantico. *Cristianesimo nella Storia*, v. 29, p. 317-44, 2008.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 288-312
DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13937

LIZZI TESTA, Rita. Praesul et possessor: Ambrogio e la proprietà privata. In: PASSARELLA, Raffaele (a cura di). *Ambrogio e la questione sociale* (Studia Ambrosiana, 10). Milano: Bulzoni Editore, 2017, p. 19-60.

LIZZI TESTA, Rita. L'autorità del concilio di Serdica in Occidente: testimonianze ambrosiane (epp. 30, 2-3; 72, 10). *Cristianesimo nella Storia*, v. 40, n. 1, p. 35-57, 2019.

LIVERANI, Paolo. Roma tardoantica come spazio della rappresentazione trionfale. In: GOLDBECK, Fabian; WIENAND, Johannes (Hrsg.). *Der Römische Triumph in Prinzipat und Spätantike*, Berlin, Boston: De Gruyter, 2016, p. 487- 510.

MALASPINA, Ermanno. La teoria politica del "De clementia": un inevitabile fallimento?. In: DE VIVO, Arturo (a cura di). *Seneca uomo politico e l'età di Claudio e di Nerone*, Atti del Convegno internazionale (Capri 25-27 marzo 1999). Bari: Edipuglia, 2003, p. 139-144.

MARCONE, Arnaldo. *Commento al libro VI dell'epistolario di Q. Aurelio Simmaco*. Pisa: Giardini Editore, 1983.

MATTHEWS, John. *Western Aristocracies and Imperial Court (A. D. 364-425)*. Oxford: Clarendon, 1975 [rist. an. 1990].

MAZZARINO, Santo. L'adventus di Costanzo II a Roma e la carriera di Pancharius. In: Idem. *Antico, tardoantico ed èra costantiniana*. Bari: Dedalo libri, 1974, p. 197-220.

MAZZARINO, Santo. *Storia sociale del vescovo Ambrogio*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 1989.

MCCORMICK, Michael. *Eternal Victory: Triumphal Rulership in Late Antiquity, Byzantium and the Early Medieval West*. Cambridge: CUP, 1986.

MCLYNN, Neil. *Ambrose of Milan. Church and Court in a Christian Capital (The Transformation of the Classical Heritage, XXII)*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1994.

MOHRMANN, Zwei. Frühchristliche Bischofsviten: Vita Ambrosii, Vita Augustini'. *Anzeiger der philosophisch-historischen Klasse der Österreichischen Akademie der Wissenschaften* 112, p. 307-331, 1975.

MORETTI, Paola. *Dilexi (Psalm. 114.1). Ambrose's David and Emperor Theodosius*. In press.

NAVONI, Marco (a cura di). *Paolino di Milano. Vita di Sant' Ambrogio (Vetera sed Nova)*. Milano: San Paolo Edizioni, 2016.

PALANQUE, Jean-Rémy. *Saint Ambrose et l'Empire romain. Contribution à l'histoire des rapports de l'Eglise et de l'état à la fin du quatrième siècle*. Paris: E. De Boccard, 1933.

PASCHOUD, François. *Cinq études sur Zosime*. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

PASCHOUD, François. La rôle du providentialisme dans le conflit del 384 sur l'autel de la Victoire. *Museum Helveticum*, v. 40, p. 197-206, 1983.

PASCHOUD, François (éd.). *Histoire Auguste. Tome V, 1e partie (Vies d'Aurélien et de Tacite)*. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

PASCHOUD, François (éd.). *Zosime. Histoire Nouvelle. Tome II, 2e partie (Livre IV)*. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

PASCHOUD, François. La Storia Augusta. In: LIZZI TESTA, Rita (ed.). *The Strange Death of Pagan Rome*. Tournhout: Brepols, 2013, p. 189-198.

PELLIZZARI, Andrea. *Commento al libro III dell'epistolario di Q. Aurelio Simmaco*. Pisa: Giardini Editore, 1998.

PFEILSCHIFTER, Rene. Der römische Triumph und das Christentum. Überlegungen zur Eigenart eines öffentlichen Rituals. In: GOLDBECK, Fabian; WIENAND, Johannes (Hrsg.). *Der Römische Triumph in Prinzipat und Spätantike*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2016, p. 455-486.

PORENA, Pierfrancesco. L'amministrazione palatina di Diocleziano e dei tetrarchi. Comitatus, consilium, consistorium. In: ECK, Werner; PULIATTI, Salvatore (a cura di). *Diocleziano: la frontiera giuridica dell'impero*. Pavia: Pavia University Press, 2018, p. 63-110.

RATTI, Stéphane (éd.). *Histoire Auguste. Tome IV, 2e partie (Vies des deux Valériens et des deux Galliens)*. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

RIVOLTA TIBERGA, Paola. *Commento al libro V dell'epistolario di Q. Aurelio Simmaco*. Pisa: Giardini Editore, 1992.

ROUGÉ, Jean; DELMAIRE, Roland (éds.). *Le lois religieuses des empereurs romains de Constantin à Théodose II (312-438). II. Code Théodosien I-XV, Code Justinien, Constitutio Sirmondiennes*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2009.

SALZMAN, Michele Renee. Ambrose and the Usurpation of Arbogastes and Eugenius: Reflections on Pagan-Christian Conflict Narratives. *Journal of Early Christian Studies*, v. 18, n. 2, p. 191-223, 2010.

SENA CHIESA, Gemma (a cura di). *Costantino 313 d.C.* Milano: Electa, 2012.

SPINELLI, Isabella. Le capselle-reliquiario nella basilica di S. Eufemia a Grado. *Porphyra*, v. 1, a. 5, p. 46-73, 2008.

TEITLER, Hans C. *Notarii and exceptores: An Inquiry into Role and Significance of Shorthand Writers in the Imperial and Ecclesiastical Bureaucracy of the Roman Empire (from the Early Principate to c. 450 A.D.)*. Amsterdam: Brill, 1985.

VERA, Domenico. *Commento storico alle Relationes di Quinto Aurelio Simmaco*. Pisa: Giardini Editore, 1981.

ZECCHINI, Giuseppe. S. Ambrogio e le origini del motivo della vittoria incruenta. *Rivista di Storia della Chiesa in Italia*, v. 38, p. 391-404, 1984.

ZOCCA, Elena. La Vita Ambrosii alla luce dei rapporti fra Paolino, Agostino e Ambrogio. In: Pizzolato, Luigi; Rizzi, Marco (eds). *"Nec timeo mori"*. Atti del Congresso Internazionale di studi ambrosiani nel XVI centenario della morte di sant'Ambrogio (Milano, 4-11 aprile 1997). Milano: Bulzoni Editore, 1998, p. 803-26.